



Vitor Quinta

Editorial

A esperança foi-se embora

Os governos das nações fazem anualmente um balanço do “estado da nação”. Se fizermos um balanço do “estado do mundo” governado pelo homem, o quadro é desolador.

O mundo vive tempos de rápidas e turbulentas mudanças às quais o ser humano tem dificuldades em acompanhar ou adaptar-se. Mudanças tecnológicas, mudanças nos sistemas políticos, económicos, religiosos e sobretudo sociais. O crescimento exponencial do conhecimento científico e tecnológico cria rupturas e fossos repentinos que grandes massas da humanidade não estão preparadas para ultrapassar.

A aposta na educação e na formação permanente do ser humano coloca-o perante desafios difíceis. E quão poucos os beneficiados que estão em condições de usufruir da oportunidade de receber essa educação e treino específicos? Os outros, a vasta maioria, por não ter essa oportunidade, torna-se descartável, excluída, como sub-humanos ou subprodutos de um sistema implacável que obedece a uma só lógica: a lógica do dinheiro, a lógica do lucro. O valor da pessoa humana deixou de ter cotação no mercado deste tempo.

Entre outros factores que um estudo mais aprofundado poderia revelar, podemos identificar dois, que, conjugados, estão na origem deste novo fenómeno social e que se faz sentir com particular incidência desde o fim da 2ª Guerra Mundial:

- o aumento excessivo da população mundial, que cresceu de 1,5 mil milhões de seres humanos no final do séc.19 para 6 mil milhões no final do séc.20, sem que os recursos disponíveis e a produção mundial tenham acompanhado tal crescimento para os alimentar e prover as suas necessidades básicas, conduzindo a cada vez maiores massas de populações escravizadas nos países pobres; e,
- o chamado efeito de globalização da economia, que traduz a lógica do lucro a todo o custo, a curto prazo, sem se preocupar com os desequilíbrios que vem gerando a nível mundial (nos últimos 50 anos os países ricos estão cada vez mais ricos e os países pobres cada vez mais pobres e endividados).

Neste sistema iníquo, em que uma pequena parte usufrui e esbanja e a grande maioria sofre, sistema imposto e dominado pelas grandes organizações financeiras internacionais e pelas multinacionais, é ainda apoiado pelos poderes políticos controlados pelo poder económico (sem rosto). A lógica do capitalismo global tudo esmaga e sujeita à sua voracidade. De resto, basta citar que:

- dos 100 maiores PIB's mundiais (PIB=Produto Interno Bruto, ou a formação de riqueza anual de cada nação), 50 são detidos por multinacionais (*);
- destas, 200 dominam 28% do comércio mundial e só dão emprego a 1% do emprego global (*).

A chamada globalização da economia ao ser apresentada como um modelo de desenvolvimento económico tem-se traduzido unicamente em especulação financeira desenfreada, e mais não tem feito do que aumentar a prosperidade material das multinacionais à custa do agravamento das condições de vida das populações mais desfavorecidas. Como é que os países pobres, super-endividados, podem competir nos mercados internacionais em condições de igualdade com os seus produtos tecnologicamente pouco elaborados, em confronto com os produtos dos países desenvolvidos, por vezes ainda subsidiados a nível governamental, se são os mais ricos que controlam:

- i) o dinheiro,
- ii) a tecnologia,
- iii) o saber fazer (têm os técnicos),
- iv) com financiamentos fáceis e baratos,
- v) os canais de distribuição,
- vi) os preços das matérias primas detidas pelos países pobres, etc. etc.?

Como facilmente se adivinha, a luta é desigual e as razões de troca internacionais são extremamente desfavoráveis aos países pobres que dependem do investimento estrangeiro e das tecnologias dominadas pelos países ricos para se desenvolverem. Isto é, estão a trocar matérias primas a preços cada vez mais baixos (a preços impostos pelos países ricos), por tecnologia cada vez mais cara, endividando-se cada vez mais. Tem-se assistido a uma sistemática transferência das mais-valias criadas pelos países pobres para os países ricos.

E isto por vezes é ainda agravado por múltiplos casos de políticos corruptos que estão à frente dos destinos de populações pobres e que só cuidam dos seus ganhos pessoais e não das populações que governam. O poder do dinheiro tem corrompido as consciências.

Quando a lógica do dinheiro vê a guerra, a droga ou a prostituição como uma fonte de receita como qualquer outra, sem respeito pelos que sofrem, então podemos dizer que a sociedade

humana está doente e a esperança de milhares de milhões de pessoas deserdadas foi-se embora.

O cortejo interminável e em crescimento, de centenas de milhões de escravos e de refugiados vivendo em guetos miseráveis e violentos em numerosas e vastas regiões do planeta, tem arrastado estas populações para vidas de sofrimento indescritível. No meio deste sofrimento florescem ainda homens e organizações sem escrúpulos que se aproveitam da miséria humana, algumas organizadas como autênticas máfias, recorrendo ainda à violência para se apoderar gratuitamente das mais-valias que os pobres ainda são capazes de gerar. Quantos produtos baratos consomem as sociedades ricas e que são produzidos por trabalho escravo?

A escravatura é um mal social que a sociedade nunca conseguiu erradicar através dos tempos e que agora tem crescido enormemente, com particular incidência na Ásia (Índia, Tailândia, Indonésia, etc.), Rússia, América Latina e África sub-sahariana. Também já existem registos destes na China. Algumas estimativas apontam que poderão existir cerca de 200 milhões de pessoas escravizadas no mundo inteiro, no tempo da economia global e da defesa dos direitos humanos. Mas os poderes e interesses instalados abafam esta miséria.

Por isso se vai assistindo cada vez com maior frequência a movimentos de contestação a nível mundial, organizados por movimentos cívicos que reclamam contra o fim deste estado de coisas. Porém, o poder do dinheiro vem-se fazendo de surdo. O dinheiro tornou-se no deus deste mundo, que tudo corrompe e distorce... e o sistema nele baseado prevalece e ganha ainda mais força! O discurso dos políticos é hipócrita.

Perante o que acabámos de descrever e que, embora se lamente, não deve constituir surpresa para o cristão que esteja a acontecer, chegou a hora de lembrarmos as profecias divinamente inspiradas:

- **Ezequiel 7:19: "A sua prata lançarão pelas ruas, e o seu ouro será removido; nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do SENHOR; eles não faltarão a sua alma, nem lhes encherão o estômago, porque isto foi o tropeço da sua iniquidade".**
- **1Timóteo 6:10: "...o amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males".**
- **Tiago 1:11: "porque sai o sol com ardor, e a erva seca, e a sua flor cai, e a formosa aparência do seu aspecto perece: assim se murchará, também, o rico, nos seus caminhos".**
- **Tiago 5:1-6: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, pelas vossas misérias, que sobre vós não-de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as**

vossas terras, que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente viveste sobre a terra, e vos deleitastes: cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu^a.

Lembra-vos: Deus não dorme nem fará tardar a Sua condenação. O nosso Deus é um Deus de justiça que castiga a maldade.

Este número da Revista Compreender alerta-nos para os perigos de nos vermos envolvidos de forma escravizante na mesma máquina financeira que tenta dominar o mundo. O cristão deve estar alerta para esse perigo bem real nos dias que correm.

(*) Revista Visão – 26.Julho.01, em artigo de Boaventura Sousa Santos

Vitor Quinta



Manuel Santos

Pecado para morte

LÂMPADA PARA OS MEUS PÉS É A TUA PALAVRA

Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não conduz à morte, que ele ore e Deus dará a vida a este irmão, se de facto o pecado cometido não conduz à morte. Existe um pecado que conduz à morte, mas não é a respeito deste que eu digo que se ore. Toda a iniquidade é pecado, mas há um pecado que não conduz à morte.

(BJ) 1JOÃO 5:16-17

Este trecho, analisado duma forma superficial pode levar-nos a entender que há pecados que, pela sua natureza e grau de gravidade, Deus não os perdoa e que por consequência levam à perdição; e que há outros que, sendo menos graves, podem ser perdoados por Deus, resultando na absolvição de quem os comete, se houver arrependimento.

Outras traduções parece darem a mesma ideia:

Há pecados que não levam à morte. (SBP)

Há um pecado que não incorre em morte. (TNM)

Todo o feito errado é pecado, mas há pecado que não é mortal. (KJ)

O termo *não é mortal*, aqui empregue, pode traduzir-se por *venial*, em uso na igreja romana. E para termos uma ideia do que ele pode significar, consultemos:

LEVÍTICO 4:1-3, 13-14, 27-28; 5:1-5, 15 e 17.

Analisando as coisas deste modo, somos levados a afirmar que há pecados cuja gravidade não permite que venham a ser perdoados por Deus.

Mas João refere-se a um género ou tipo de pecado; ou à reacção perante o pecado cometido? Será que há pecados mais gravosos do que outros; ou tem a ver com aquelas pessoas que teimosamente permanecem no pecado e não se reabilitam dele, por orgulho ou teimosia?

Biblicamente existem vários conceitos para o termo pecado.

Um pode ser traduzido por **pecado primário**. Adão e Eva incorreram nisso, tornando-se por natureza pecadores. Pretenderam obter o conhecimento do bem e do mal.

GÉNESIS 2:17 *O fruto da árvore era delícia para os olhos.*
GÉNESIS 3:6

É a isto que o apóstolo João chama a *concupiscência ou sensualidade dos olhos*.
JOÃO 2:16

O pecado também é **transgressão das leis divinas**. E neste conceito ele pode ser **de índole involuntária**, cometido contra a vontade própria do indivíduo, sem que a sua consciência intervenha; ou poderá ser **de índole voluntária**, quando há plena consciência dele e vontade de o cometer.

As Escrituras afirmam que *"se pecarmos voluntariamente, dentro do conhecimento da verdade, já não resta mais remissão pelo pecado."* **HEBREUS 10:26-27**

Há certos pecados que algumas pessoas crentes cometem, já de costas voltadas para Deus, desviados, indiferentes às exigências divinas estabelecidas como regras da vida cristã.

A gravidade dessas transgressões, e muitas vezes a reincidência ou a permanência nesse estado, é como que a *derrapagem para a perdição*.

Sem que haja um reconhecimento do pecado e conseqüente arrependimento, a pessoa torna-se assim num pecador crónico, num desviado sem possibilidades de recuperação. Aqui ele já perdeu a sua condição de filho de Deus, por vontade própria; não que Deus o haja rejeitado, mas porque ele próprio se afastou. Não foram propriamente os seus delitos que o afastaram de Deus; mas cometeu os seus delitos por se ter afastado de Deus.

A perda dos valores espirituais e da integridade espiritual, são a causa única que pode levar o crente a cometer pecados que o lançarão voluntariamente na *morte eterna*.

Deus reserva os injustos para o dia do Juízo e derramará a sua ira sobre toda a impiedade e injustiça. 2PEDRO 2:9-10; ROMANOS 1.18

Aquele que pecar contra Deus, será riscado do seu livro. ÊXODO 32:33

Se Deus risca do seu livro, e trata-se do **livro da vida**, então poderemos deduzir que se tratam de pecados cujo tipo pode ser de índole mortal.

Entenda-se que a morte que decorre deste pecado, não é a morte física, mas a morte espiritual, ou **morte eterna**. Por isso todas as pessoas que a Bíblia refere como excluídas da vida eterna, são aquelas que cometem **pecados** a que poderemos chamar **mortais**.

O **APOCALIPSE** apresenta-nos duas listas. Uma no capítulo **22:15** e outra em **21:8**:

1. Os **Tímidos**, ou cobardes. Tímido, não deve ser entendido como designando as pessoas introvertidas, reservadas, ou que pela sua personalidade revelem delicadeza. Mas sim os cobardes, os medrosos, os que temem tudo e todos, receando manifestar o que são e o que pensam, com medo de serem rejeitados ou punidos. **NÚMEROS 14:9, 11, 29-30**
2. Os **Incrédulos**. Destes fazem parte as criaturas que negam o seu Criador. Os que duvidam das promessas divinas. Os que recusam o dom gratuito da salvação e renunciam ao seu direito de se tornarem novas criaturas. **NÚMEROS 21:9; 2TESSALONICENSES 2:10-11; 3:2**
3. Os **Abomináveis**. Os cães ou promíscuos. Estão aqui incluídos os depravados sexualmente, os homossexuais **LEVÍTICO 18:22; 20:13**, os zoófilos **ÊXODO 22:19; LEVÍTICO 18:23; 20:15-16; DEUTERONÓMIO 27:21**, e aqueles que não respeitam a integridade moral das pessoas.
4. Os **Homicidas**. Na lei de Deus, os dez mandamentos, está expresso no sexto mandamento, que é pecado matar. **ÊXODO 20:13**

A lei de Moisés, em **LEVÍTICO 24:17**, funcionando como código penal, determina que o homicídio é punível com a morte. Este princípio actualmente, na *nova dispensação*, continua em vigor. E Cristo até vai mais longe, dilatando-o: *Quem insultar ou rebaixar o seu irmão, será réu do Juízo. MATEUS 5:21-22* (SBP)

"Ouviram o que foi dito aos antigos: Não matarás. Aquele que matar alguém terá de responder em julgamento. Mas eu digo-vos mais: Todo aquele que se irritar

contra o seu semelhante terá de responder em julgamento; aquele que insultar o seu semelhante, chamando-lhe "imbecil", será julgado pelo tribunal; e aquele que lhe chamar "estúpido" merece ir para o fogo do inferno.

5. Os **Fornicários** e **os que se prostituem**. A *fornicação* é a prática sexual de forma depravada; é o sexo fora do matrimónio; é sexomania e relações sexuais ilícitas; é o sexo levado à forma de violência.

A *prostituição* é toda a forma corrupta de usar a sexualidade. Os dois termos, portanto, são praticamente sinónimos um do outro.

DEUTERONÓMIO 22:13-21 determina a pena para quem atenta numa virgem e nela comete o seu pecado de abuso sexual.

LEVÍTICO 20:10 e **DEUTERONÓMIO 22:22** estabelece a mesma punição para o adultério.

E o Senhor Jesus dilata o espírito da lei, afirmando que cobiçar a mulher do nosso próximo se traduz no mesmo pecado. **MATEUS 5:27**

6. Os **Feiticeiros** ou **os que praticam o espiritismo**. A prática e a vivência espíritas é dos pecados mais vulgarizados nos nossos dias. Além disso temos assistido ao reaparecimento da astrologia, cartomancia e quiromancia, adivinhação e todas as práticas afins, como os sortilégios e as magias, os quais alastram pelo mundo como uma praga, que a pouco e pouco vai afastando o ser humano de Deus; embora se queira fazer crer que todos esses costumes são de inspiração divina.

ÊXODO 22:18 e **LEVÍTICO 20:27** estabelece a pena de morte para os que tais actos praticam. E, se pela lei de Moisés, os feiticeiros e os adivinhos eram executados, de quanto maior rigor se usará no Juízo em relação a essas pessoas?

7. Os **Idólatras**. **ÊXODO 22:20** e **DEUTERONÓMIO 17:2-5** manda matar os idólatras. Isto está praticamente demonstrado em **ÊXODO 32:31**.

Este é o pecado que Deus mais abomina. Ele repudia todas as formas de adoração que não sejam exclusivamente dirigidas à sua pessoa, porque isso demonstra falta de devoção para com ele e contraria o **amor** que lhe é devido **de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso pensamento**.

É confrangedor pensar que em certos sectores religiosos, ditos cristãos, tantas almas rendam culto a santos da sua devoção e os levem sobre os ombros em procissões, pensando que estão servindo a Deus; quando na realidade, a pena estabelecida para os que isso fazem é a morte eterna.

A avareza também é considerada como idolatria. **COLOSSENSES 3:5-6**

8. Os **Mentirosos**. Os que amam e cometem a mentira.

Uma mentira, à custa de tantas vezes repetida, torna-se numa verdade incontestável.

Quantas coisas hoje, tidas como certas, defendidas como verdades, são herança de erros falaciosos do passado, **introduzidos por homens que amaram mais a mentira do que a verdade. ROMANOS 1.25**

Como podemos ver em **DEUTERONÓMIO 13:1-15 o falso profetismo** era condenado com a morte. Todo aquele que induzisse o povo em erro, proclamando abusivamente palavras que não provinham de Deus, seria morto.

9. A Blasfémia contra o Espírito Santo.

Jesus revelou que deve haver o máximo cuidado quando pronunciamos algo referente ao Espírito de Deus e às suas formas de actuação. Pode haver até casos em que seja óbvia a proveniência satânica de certas actuações; mas mesmo assim devemos abster-nos de as censurar ou condenar. **LUCAS 12:10**

Depois de todas estas considerações acerca do que pode ser *pecado para morte*, interessa realçar que tudo isto deve ser considerado dentro do campo do conhecimento dado pelo cristianismo. *Deus não tem em conta os tempos da ignorância.*

Se alguém, antes de conhecer Jesus Cristo, cometeu alguma das faltas consideradas como *pecado para morte*, saiba que pela lavagem do baptismo da regeneração, proveniente do arrependimento, tudo fica esquecido para sempre.

Além disso consideramos também que qualquer falta ou transgressão, por mais gravosa que seja, nunca consegue sobrepujar a misericórdia divina. E Deus, pelo seu infinito amor, decerto nunca deixará de perdoar a quem contritamente se arrependa dos seus erros e pecados.

“Portanto, irmãos, agora podemos entrar com toda a confiança no santuário, porque Jesus morreu por nós.

Ele abriu-nos um caminho novo e cheio de vida, ao entrar no santuário, rasgando a cortina, que é o seu próprio corpo. Agora temos o autêntico sumo sacerdote, responsável pela casa de Deus.

Aproximemo-nos, pois, de Deus com coração sincero e cheios de fé, purificados de toda a consciência de pecado e o corpo lavado com água pura.

Sejamos firmes em proclamar a nossa esperança, certos de que Deus não deixará de cumprir as suas promessas.

Façamos também por nos animarmos uns aos outros no amor e na prática das boas obras.

E não faltemos às nossas reuniões. Alguns têm por hábito faltar. Pelo contrário, animem-se uns aos outros cada vez mais, pois sabem que se vai aproximando o dia da vinda do Senhor.

Se continuarmos deliberadamente a pecar depois de termos recebido o conhecimento da verdade, então já não há sacrifícios que possam perdoar os pecados. Só nos resta esperar o terrível julgamento de Deus e um fogo violento que há-de destruir os seus inimigos.

Quem transgredir a Lei de Moisés é condenado à morte sem piedade, desde que a sua culpa seja provada por duas ou três testemunhas.

Pensem bem quanto maior não deve ser o castigo que merecem aqueles que desprezam o Filho de Deus!

E que será daqueles que insultam o Espírito de Deus de quem receberam tantos dons e daqueles que desprezam o sangue da aliança que os purificou?"

HEBREUS 10:19-29

Desta leitura depreende-se que devemos aproximar-nos de Deus com determinação, honestidade e confiança.

O nosso apego a Deus não dá lugar ao pecado, nem permite que continuemos a laborar naquilo que nos leva à morte. A nossa firmeza em testemunhar e manter a nossa esperança, dá-nos ânimo e coragem para resistir a tudo quanto é mau.

Isto depende essencialmente da nossa assiduidade às reuniões de culto e da comunhão que mantemos uns com os outros.

"O pecado jaz à porta". Ninguém está livre de incorrer em qualquer falta, seja ela qual for; mas se lhe dermos continuidade e não nos esforçarmos por deixar tudo quanto Deus aborrece, já não resta ajuda, nem força, nem apoio que nos valha.

Poderemos então assim estabelecer como ***pecado mortal***, todo aquele de que o pecador se não arrependa e que orgulhosa e obstinadamente mantenha, não procurando de Deus o perdão e a sua reabilitação.

JFA = Tradução João Ferreira de Almeida

SBP = Português Corrente da Sociedade Bíblica Portuguesa

TNM = Tradução do Novo Mundo

APF = António Pereira Figueiredo

KJ = Versão Inglesa King James

Manuel José dos Santos



Paulo Coelho

O Sermão da Montanha

GUIA PARA A INTERPRETAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS E PARA O DESEMPENHO DO VERDADEIRO CRISTÃO (2ª parte)

INTRODUÇÃO

Continuamos neste artigo o estudo do Sermão da Montanha. Aconselhamos que, antes de ler as palavras expostas neste texto, leia ou volte a ler a 1ª parte, publicada no número anterior da revista Compreender. Leia também de novo todo o Sermão da Montanha nos capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus.

Prepare-se para descobrir um texto essencial para conhecer e entender o papel do verdadeiro cristão, como crente e filho de Deus (usaremos principalmente a versão da tradução interconfessional em Português moderno).

2ª Parte – O capítulo 6 do Evangelho de Mateus

SÓ UM CRISTIANISMO GERADO DA TRANSFORMAÇÃO INTERIOR TEM SENTIDO PARA DEUS

Após ter reforçado a necessidade do cristão ser completo, de buscar e obedecer a Deus da forma mais completa, na coerência da letra, mas acima de tudo no espírito que cada texto da Palavra de Deus comporta, Jesus passa a tratar da expressão exterior da nossa religiosidade.

Qual a razão que nos leva a expressar a nossa filiação a Deus e as nossas práticas de obediência? Qual a motivação dessa prática?

"Quando praticarem o bem, não o façam para dar nas vistas. Se assim fizerem, já não terão nenhuma recompensa a receber do Pai que está nos céus." Mateus 6:1

Dar materialmente (v2 a 4), orar em público (v5 a 15), ou realizar um jejum (v16 a17), são manifestações exteriores de religiosidade, no entanto, só têm sentido para Deus se partirem de uma realidade interior. A nossa prática exterior tem que ser motivada pela entrega e consagração a Deus que se gerou no nosso íntimo pela presença do Espírito Santo. Essa prática não tem sentido se for realizada por motivos de orgulho pessoal ou para nos exaltarmos no meio da sociedade ou da Igreja.

O contexto da crítica de Jesus, tinha muito a ver com as práticas religiosas do seu tempo. Principalmente os judeus da seita dos fariseus, pretendiam exaltar-se pessoalmente no meio do povo, na sua prática, Deus deixara de ser o centro do

louvor e da adoração, mas a própria pessoa colocava-se nesse papel central. Essa mesma questão foi abordada por Cristo noutras ocasiões (Lucas 14:7-14).

Dar dos bens que possuímos é algo que Deus exalta. Já o livro de Deuterónimo no capítulo 15 exaltava que quando o filho de Deus dá, segundo a determinação divina e de intenção voluntária, as bênçãos de Deus reforçarão essa generosidade, não apenas no contexto material, mas acima de tudo pela presença do próprio Criador na nossa vida. Quando a dádiva é feita para retirar benefício pessoal ou para impressionar os outros, isso faz com que se perca o seu sentido e ela fique manchada por um propósito que não é divino (v2 a 4).

Nos versículos 5 a 14 Jesus trata especificamente da oração, primeiro através de aspectos formais (v5 a 8), depois a propósito do seu conteúdo (v9 a 13).

A oração deve ser um reflexo da nossa comunhão íntima com Deus e não ser usada através de uma visibilidade excessiva (como se fosse um espectáculo) para exaltar a pessoa face aqueles que a rodeiam ou a podem ouvir. Essa utilização era corrente naquele tempo (v5 e 7).

Os versículos 9 a 13 falam-nos do conteúdo da oração. Ele deve enaltecer e louvar a Deus (v9), sujeitar-se à vontade divina (v10), resumir-se às necessidades básicas (v11), reflectir o nosso desejo de perdão divino e a nossa capacidade de perdoar (v12), lembrar a nossa necessidade do poder de Deus para sermos livres das armadilhas do maligno (v13).

Note que no texto da oração de Jesus, também designada habitualmente de "Pai Nosso", não aparece o texto final que dizia: "Porque teu é o reino, o poder e a glória para todo o sempre." A razão para tal omissão é a inexistência deste texto nos manuscritos mais antigos e de melhor qualidade do Evangelho de Mateus, pelo que as traduções revistas e actualizadas já não o admitem.

Jesus, conhecendo a natureza do ser humano, dá uma especial ênfase à importância do perdão. Os versículos 14 e 15 não deixam dúvidas de como ser misericordioso e perdoador dos outros, é um reflexo do perdão de Deus em relação a nós próprios e torna-se crucial quanto à nossa própria salvação.

Intimamente agregada à oração está a prática do jejum. Nos versículos 16 a 18, Jesus coloca o jejum na dimensão da nossa relação e comunhão com Deus, retirando-o do contexto de sacrifício exterior, que tinha adquirido naquela época.

Esta primeira parte do capítulo 6 do Evangelho de Mateus, leva-nos à reflexão sobre a nossa prática religiosa.

Nasce ela de uma verdadeira transformação interior gerada pela presença de Deus em nós? Ou ela tem outras motivações e objectivos, tornando-se apenas exterior, vazia e sem conteúdo?

QUAL A PRIMEIRA PRIORIDADE DA NOSSA VIDA?

A segunda parte do capítulo 6 (v19 a 34) diz respeito à maneira como olhamos a vida e à forma como na mesma estipulamos as nossas prioridades.

Jesus diz claramente que onde estiverem os nossos objectivos aí estará o centro da nossa vida (v21). O que considerarmos mais valioso no nosso dia-a-dia vai ser determinante para o tipo de rumo que tomaremos e para o resultado final.

O Mestre é claro quando aconselha que ponhamos Deus e a nossa relação com Ele, como primeiro objectivo da nossa vida. O lugar de Deus é sempre o primeiro, tudo o resto, apesar de válido e muitas vezes até urgente, é secundário (v20, 33).

A visão que temos de nós próprios, do mundo e de Deus, determinará o nosso futuro (v22 e 23). A tendência actual, mesmo dentro das Igrejas, de querer obter ao mesmo tempo as bênçãos de Deus e as dádivas do mundo, não tem sentido e é contraditória. As alternativas, quanto à forma como conduzimos a nossa vida, são mutuamente exclusivas, ou pela fé e confiança em Deus, ou segundo as regras e conselhos do mundo (v24). A palavra "Mamom" usada neste último versículo tem origem no aramaico e significa "dinheiro" ou "valores terrenos valiosos" e está intimamente ligada à influência materialista do maligno sobre a humanidade.

Hoje em dia, o ser humano é levado pelos valores da sociedade desenvolvida a buscar acima de tudo os mais altos padrões materiais. Este objectivo tenta-se alcançar, mesmo quando as posses e capacidades materiais pessoais não o permitem. Muitos ficam prisioneiros de instrumentos, como o crédito, envoltos em dívidas que sufocam todos os outros propósitos da sua vida (não perca neste número da revista Compreender os artigos referentes ao crédito e ao uso de instrumentos de financiamento).

Jesus reforça três aspectos principais:

- A nossa vida é mais importante do que as coisas materiais (v25)
- Deus é o criador de todas as coisas e conhece as nossas necessidades (v26 a 32)
- Se buscarmos Deus como o primeiro objectivo nas nossas vidas, as nossas verdadeiras necessidades serão satisfeitas (v33). Note que o verbo "buscar" implica uma acção prática e constante de cada um de nós.

Aquele que vive confiando em Deus, tem o futuro assegurado. A vida, nas suas incertezas, não será nunca uma fonte de angústia.

Quantas depressões ou vidas ansiosas não poderiam ser evitadas se confiássemos em Deus e o colocássemos como primeiro objectivo da nossa existência?

**"Portanto, não devem andar preocupados com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu mal."
Mateus 6:34**

(Conclui no próximo número)

Paulo Coelho



Paulo Coelho

O Natal é uma festa cristã?

O Natal é a mais famosa festa da cristandade, sendo celebrada por católicos, protestantes e, mesmo, adventistas do sétimo dia, no dia 25 de Dezembro, ou por ortodoxos no dia 6 de Janeiro.

Actualmente, a época natalícia está tão comercializada que muitos religiosos dizem que "é necessário fazer voltar Cristo ao Natal". No entanto, analisando friamente a origem do Natal e qual o seu fundamento, devemos antes interrogar-nos, se o Natal alguma vez pertenceu a Cristo?

Se analisarmos as origens históricas do Natal, verificamos que elas encontram-se nas práticas pagãs dos povos da antiguidade e nunca na Bíblia. Contrariamente ao que muitas pessoas pensam a Bíblia nunca refere que o nascimento de Cristo devesse ser celebrado, além disso, pela própria Bíblia sabemos que esse nascimento nunca poderia ter ocorrido em Dezembro, como é consensualmente admitido pelos eruditos do estudo Bíblico.

A Enciclopédia Encarta refere: "Os estudiosos crêem que, em parte, os ritos natalícios derivam de cultos pré-cristãos de origem germânica e celta, os quais celebravam o solstício de Inverno. O festival cristão celebrado após o 4º século incorporou estes ritos pagãos, assim como os seus símbolos (árvore, bolas de enfeite, etc.)."

A Enciclopédia Bíblica adianta: "Quando a Igreja se tornou a Igreja do império romano, incorporou muitos dos seus ritos e celebrações pagãs, nomeadamente as emanadas de Babilónia e do Egipto."

Assim podemos concluir que a celebração do Natal não é bíblica, ela é uma incorporação de celebrações pagãs e, principalmente, da festa romana designada "Natalis Solis Invictus" (o nascimento do sol invencível).

Após esta conclusão, resta saber se o facto de celebrarmos, ou não, o Natal tem importância para Deus.

Vejamos alguns argumentos que nos poderão ajudar:

- Para os cristãos a Palavra de Deus, a Bíblia, deve ser a única autoridade para a nossa prática diária:

"Toda a Sagrada Escritura é inspirada por Deus e serve para ensinar, convencer, corrigir e educar, segundo a vontade de Deus, a fim de que

quem serve a Deus seja perfeito e esteja pronto para fazer o bem.”
2Timóteo 3:16-17

- O facto de vivermos rodeados de cultos estranhos não é uma experiência apenas dos nossos tempos. Os servos de Deus do passado também viveram dessa forma e Deus convidou-os a resistirem às práticas pagãs:

“Quando o Senhor, teu Deus, tiver eliminado da tua frente os povos a quem tu vais conquistar as terras, quando tiveres tomado posse do seu território e lá habitares, tem cuidado e não te deixes arrastar pelos seus costumes, mesmo depois de eles terem sido eliminados da tua frente. Não consultes os seus deuses nem procures saber como é que aqueles povos lhes prestavam culto para fazeres a mesma coisa. Não procedas assim para com o Senhor, teu Deus. Pois o que eles fazem aos seus deuses são coisas abomináveis e o Senhor tem horror a essas práticas. Eles até chegaram a queimar em sacrifício os seus filhos e filhas em honra dos seus deuses!”
Deuterónimo 12:29-32.

“Ó Israel, dá atenção à mensagem que o Senhor te envia! Eis o que diz o Senhor: “Não sigas o caminho das outras nações. Não te deixes perturbar por sinais nos céus, mesmo que isso aterrorize os outros povos. A sua religião não tem valor. Uma árvore é cortada na floresta e trabalhada com o machado pelo artesão. Este ornamenta-a com prata e ouro, seguros com pregos, para não caírem. Tais ídolos são como um espantalho numa plantação de pepinos, e não conseguem falar. Têm de ser transportados, porque não andam por si mesmos. Não tenhas medo deles. Não fazem mal, nem conseguem fazer bem.” Ó Senhor, ninguém te pode igualar! Tu és grande como é grande a fama do teu poder!”
Jeremias 10:1-6

- Paulo alerta a Igreja contra o paganismo e a introdução de cerimónias que nada tinham a ver com a Palavra de Deus:

“Para provar que vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, e esse Espírito chama: “Abbá”, que quer dizer “meu Pai”. Assim, tu já não és escravo, mas filho. E, sendo filho, também és herdeiro pela vontade de Deus. Dantes, vocês não tinham conhecimento de Deus e eram escravos de deuses que não eram realmente deuses. Mas agora que conhecem a Deus, ou melhor, que Deus já vos conhece, como é possível voltarem a ser escravos de coisas sem valor e que não prestam para nada? Por que é que dão tanto valor religioso a certos dias, meses, estações e anos? Receio que o meu trabalho no meio de vocês tenha sido inútil.”
Gálatas 4:6-11

- Devemos lembrar-nos que a maneira de Deus olhar o bem e o mal não muda: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre.”

Hebreus 13:8

- A Bíblia alerta-nos para o perigo de adorar Deus em vão, devido à mentira:

“Fingidos! Razão tinha o profeta Isaías para dizer a respeito de vocês: Este povo honra-me com palavras, mas o seu coração está longe de mim. É em vão que eles me adoram, pois ensinam doutrinas que não passam de regras feitas pelos homens.”

Mateus 15:7-9

- Todos os pormenores são importantes para Deus, pois Ele chama-nos à perfeição, assim devemos ser firmes na fé que recebemos:

“Lembrem-se dos dias passados. Vocês tinham acabado de receber a luz de Deus, tiveram de enfrentar grandes sofrimentos e mantiveram-se firmes na luta. Umavez foram publicamente insultados e atormentados, outras vezes sofreram com os que assim eram maltratados. Vocês compartilharam dos sofrimentos dos que eram presos e aceitaram com alegria que vos tirassem os vossos bens, porque sabiam que possuíam melhores riquezas, que duram para sempre. Portanto, não percam a coragem, pois é grande a recompensa que vos espera. Vocês precisam de ter paciência, para cumprirem a vontade de Deus e alcançarem o que ele promete. Lá diz a Escritura: Já falta muito pouco para chegar aquele que há-de vir. Não se demorará. O que for justo diante de mim viverá pela fé. Mas, aquele que voltar atrás, não será do meu agrado. Mas nós não somos desses que voltam atrás e se perdem. Pelo contrário, somos dos que continuam firmes na fé que nos levará à salvação.”

Hebreus 10:32-39

Este assunto é delicado, visto esta festa estar profundamente enraizada nas tradições da nossa sociedade e na prática das famílias. Mesmo crentes sinceros e que querem obedecer a Deus e não aos homens, encontrarão dificuldades para escapar ao “espírito do Natal”. No entanto, esperamos ter contribuído para que cada um, em liberdade e influenciado pelo Espírito Santo, possa encontrar a opção que agrada a Deus.

Paulo Coelho

DOSSIER ESPECIAL

DINHEIRO, CRÉDITO, GENEROSIDADE E BOM-SENSE

“O dinheiro é um bom servo, mas um mau conselheiro”
Provérbio Popular

Vivendo dentro das nossas possibilidades

LeRoy Dais, Hope Dais

Um certo desenho mostrava um casal envolto numa imensidão de documentos de pagamento. Um deles dizia para o outro: "Já reparaste que estamos a pagar por coisas que já não temos com dinheiro que não temos ainda?". Apesar desta frase soar como caricata, ela descreve a realidade vivida em muitos dos lares dos nossos dias.

As gerações recentes cresceram numa cultura onde a dívida é promovida, com os governos, muitas vezes, tomando a liderança. Alguns de nós, mais idosos, lembramo-nos de poupar até conseguirmos comprar a nova aparelhagem de som, mas este conceito de poupança é estranho para a maioria das pessoas hoje. Decidir realizar, ou não, uma viagem pela quantidade de dinheiro disponível parece uma forma bizarra de pensamento nos nossos dias. Actualmente, um simples cartão de crédito põe nas nossas mãos a capacidade de comprar qualquer viagem, mobília, ou qualquer outro desejo.

Os jovens são bombardeados por companhias financeiras de cartões de crédito, para usarem o seu "dinheiro de plástico" e "tornarem a vida mais fácil". Que caminho fácil para colocar a juventude na escravatura do dinheiro e das dívidas!

Muitas pessoas com conhecimento são também apanhadas pelas manobras e palavras inteligentes do mundo do crédito. Uma pessoa conhecida contou-nos que tinha comprado um novo frigorífico apenas com 1,5% de juros. Infelizmente, quando tentámos explicar que tal significava uma taxa mensal e um valor percentual anual de 18%, ela sentiu-se insultada.

Outro casal contou que tinha comprado uma nova arca congeladora sem aumentar o valor de pagamento mensal do seu cartão de crédito. Que sucesso para o vendedor! Mas que real infelicidade para o comprador! Feitas as contas eles vão pagar mais de três vezes o valor original do congelador.

A nossa cultura dá ênfase à auto-suficiência e independência. Depois insiste que o pedir emprestado é a melhor maneira de lá chegar. A sociedade, é claro, faz pouco para encorajar o gastar com sabedoria. Mesmo a Igreja, apesar de possuir o melhor manual acerca deste tema, tem falhado em colocar os cristãos na melhor prática. O resultado é o estado de muitos, envolvidos em dívidas de uma forma rápida e profunda. Eles muitas vezes estão tão envergonhados da sua condição que não procuram, ou não sabem onde procurar, a ajuda necessária. Por vezes podem pensar que o seu estado é tão grave que está além de qualquer ajuda possível.

Mas a verdade é, uma ajuda prática e da Bíblia está disponível para que as pessoas possam viver segundo as suas possibilidades. Podemos obter a correcta perspectiva acerca do dinheiro e dos bens e então aprender como podemos comportar-nos com a dívida.

Um perigo espiritual

Primeiro, os crentes devem ter consciência de que gastar acima das suas posses vai afectá-los espiritualmente. Nos tempos do Antigo Testamento, Deus requeria a atenção do povo de Israel: Ele não queria que o seu povo servisse os deuses pagãos.

Da mesma forma, Deus requer a mesma atenção de cada um de nós: Ele não quer que nada interfira com a nossa comunhão com Ele ou que compita com Cristo como Senhor das nossas vidas (**Mateus 6:24; 1Timóteo 6:9-10**). Quando o dinheiro e os bens tomam a primazia, eles tornam-se ídolos.

O materialismo também abala a nossa confiança em Deus como o nosso sustentador. Ele põe-nos no desastroso caminho da confiança nos nossos bens e naquilo que podemos fazer por nós mesmo. Deixados à mercê das nossas capacidades, vamos tentar qualquer meio para alcançar os nossos objectivos.

Perspectiva e prática

A Bíblia dá uma perspectiva correcta acerca do lugar que o dinheiro e os bens devem ocupar na nossa vida. De facto, ela dedica mais de 2350 versículos a este assunto – tudo acerca do ganhar e gastar dinheiro, do dar e do poupar.

Aqui estão algumas dessas indicações:

- A terra e todas as coisas nela existentes, incluindo os seus habitantes pertencem a Deus (**Deuterónimo 10:14; Salmo 24:1; 50:10; Ageu 2:8**).
- Devemos ser rigorosos acerca daquilo que Deus dá (**1Coríntios 4:2; Mateus 25:14-30**) e colocarmos os nossos tesouros no céu (**Mateus 6:19-21; 25:35-45; Gálatas 6:6; 1Timóteo 5:17-18**).
- Deus controla todas as coisas e assegura as nossas necessidades (**1Crónicas 29:11-12; Mateus 6:31-33; Salmo 34:9-10; 145:15-16; Filipenses 4:19**).
- Dar é melhor do que receber (**Actos 20:35**).
- Apesar de devermos dar aos outros, também devemos poupar para as nossas futuras necessidades (**Provérbios 21:5,20**).
- Não devemos cobiçar (**Lucas 12:15**) mas aprender a ter contentamento com aquilo que temos (**Filipenses 4:11b-13; 1Timóteo 6:6-8; Hebreus 13:5-6**).
- A dívida é uma maldição e uma forma de escravatura (**Deuterónimo 28; Provérbios 22:7b**).

Não é demais estarmos cientes destes princípios, no entanto, devemos praticá-los. Por exemplo, se acreditamos que Deus supre todas as nossas necessidades, não vamos confiar nos nossos fracos e humanos caminhos e nas nossas possessões corruptíveis e transitórias. Nós vamos procurar o envolvimento de Deus nas nossas vidas – a maneira como Ele possibilita o trabalho, nos treina para aumentar as nossas capacidades, dá conselhos sábios através de outros, dá dons em tempo de necessidade, dá capacidade para bons negócios, etc. Estas experiências reforçam a nossa fé em Deus e aprofundam a nossa relação com Ele.

Uma outra atitude que podemos praticar é o contentamento. Paulo, que sofreu muito por Cristo, escreveu as palavras que se seguem quando estava na prisão sentenciado à morte:

“Não digo isto por precisar de alguma coisa, pois aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na pobreza e também na abundância. Aprendi a viver em toda e qualquer situação: a ter fartura e a ter fome, a ter em

abundância e a não ter o suficiente. Posso enfrentar todas as dificuldades naquele que me dá coragem.”

Filipenses 4:11-13

O Contentamento não está dependente das circunstâncias – económicas ou outras. Podemos ter pouco no sentido do mundo e mesmo assim estar em plena satisfação pela nossa relação com Cristo.

Noutro local, Paulo explica de forma mais desenvolvida o significado do contentamento para ele:

“De facto, a religião pode ser até um grande negócio, se for praticada sem motivos interesseiros. Quando viemos ao mundo, não trazíamos nada; e, quando formos embora, também nada podemos levar. Se tivermos alguma coisa que comer e com que nos vestir, é quanto basta.”

1Timóteo 6:6-8

O contentamento ajuda-nos a manter as nossas prioridades e previne a nossa intenção de desejar coisas tão boas ou mais do que aquelas que existem nos nossos vizinhos.

Eliminando a dívida

Talvez o(a) leitor(a) concorde com estes princípios e deseje segui-los, mas continua a estar sob o peso desafiador da sua dívida. Aqui deixamos alguns caminhos para lidar com o problema e acabar com ele:

- Liste cada dívida por credor, valor devido, juros aplicados e condições de pagamento.
- Estabeleça objectivos para eliminar as dívidas, uma de cada vez, começando pelas mais pequenas ou por aquelas onde são aplicados juros mais altos.
- Decida reduzir as suas despesas e, se possível, aumentar o seu rendimento. Estabeleça um orçamento e cumpra-o.
- Analise se pode vender alguns bens para pagar algumas dívidas. Uma boa actuação requer por vezes algumas medidas mais rígidas.
- Considere a redução do seu nível de vida aparente para reduzir as dívidas: transferir-se para uma casa mais pequena, comprar um veículo de menor custo, etc.
- Desenvolva uma “resistência às compras” que o proteja de todas as formas de tentação para comprar.
- Construa uma defesa contra as coisas atractivas para serem adquiridas.

- Dê tempo, reflecta, e ore quando estiverem em causa grandes somas e negócios. Consulte o cônjuge, amigos, ou até mesmo um perito.
- A não ser que consiga pagar a conta mensal dos seus cartões de crédito por inteiro cada mês, para evitar a cobrança alta de juros, deixe os seus cartões de crédito em casa. Os estudos demonstram que as pessoas tendem a comprar mais quando têm o cartão de crédito à mão.

Sabedoria e poder da vontade

Viver dentro das nossas possibilidades na nossa cultura actual requer ao mesmo tempo sabedoria e poder de vontade própria. A sabedoria advém da Palavra de Deus e de outras fontes baseadas nesta. O poder da vontade vem de um íntimo cheio da graça de Deus em Cristo e uma mente santificada em obediência pelo Espírito. Com uma fidelidade firme e um bom treino, podemos aprender a disciplina que nos leva a uma vida financeira livre e passar este ensinamento aos nossos filhos, que estão sujeitos a grandes e más influências por um mundo sedento de materialismo.

Deus confia-nos uma certa quantidade de bens materiais durante a nossa passagem nesta vida. Ele pede-nos que os usemos dentro dos mais altos propósitos e condutas. Só os tesouros guardados no céu irão durar para sempre.

LeRoy Dais e Hope Dais servem ao Senhor na Conferência da Igreja de Deus do Sétimo Dia com sede em Denver – Colorado - EUA

(Artigo traduzido para português, com permissão, da revista Bible Advocate de Julho – Agosto de 2001)

O que é o crédito bancário?

Foi-me sugerido pelo responsável desta publicação o tratamento do tema “crédito” através da óptica bancária por ser esta a área em que desenvolvo a minha actividade profissional.

Irei abordar o tema de uma maneira simples e despretensiosa não apenas por ser esta uma publicação não técnica mas ainda porque o crédito bancário, apesar da sua grande importância, não esgota, nem de longe, a temática Crédito.

a) Além da Banca as entidades envolvidas no crédito são as pessoas, empresas e o Estado «latu sensu», considerando nele todos os seus organismos centrais e locais, empresas públicas, Câmaras Municipais e Organismos financeiramente autónomos,

etc. Podemos assim obter uma primeira classificação do crédito em **Público e Privado**, podendo este dividir-se em **pessoal e empresarial**.

b) As operações de crédito têm, como tudo, uma certa duração no tempo e, nesta óptica, pode dizer-se que o crédito é de:

- **Curto prazo:** até um ano de duração;
- **Médio/Longo Prazo:** para além de um ano de duração, com variadíssimas subdivisões.

É claro que estes prazos tentam adequar-se o mais possível ao fim para o qual o crédito é constituído.

O crédito de curto prazo deve atender a situações pontuais de rápida resolução ainda que a ele se recorra sempre que necessário, sendo exemplos, no caso de pessoas: as despesas inesperadas, a aquisição de bens de comodidade para o lar, pequenas obras, uma jóia mais cara, etc.etc.; e no caso de empresas: a aquisição de mercadorias ou matérias primas que sejam rapidamente integráveis no seu circuito de actividade, vendas e cobrança.

O crédito de médio prazo destina-se já a apoiar a aquisição de bens com alguma duração de vida útil que ultrapassa o imediato e de que podemos destacar, no caso dos particulares, o carro, a roulotte, às vezes o barco e ainda obras de pequena dimensão; no caso das empresas, se comerciais, a aquisição de viaturas e obras de remodelação de alguma dimensão nas suas instalações e, se empresas industriais, a aquisição de maquinaria cuja validade técnico/funcional não ultrapassa (ou ultrapasse pouco) o prazo do crédito que lhe foi afecto. Excepcionalmente, no caso de algumas indústrias específicas, para aquisição de matérias primas raras ou cuja integração nos circuitos de produção seja lento.

O crédito de longo prazo, nos particulares e nas empresas comerciais, reduz-se à compra de habitação, primária ou secundária e de instalações próprias; no caso de empresas industriais não só à compra de instalações mas ainda, excepcionalmente, à aquisição de maquinaria pesada que pelas suas características possa ter grande durabilidade e pouca actualização técnica; no caso do Estado para obras públicas ou equipamentos sociais.

c) A classificação anterior deixou perceber algumas distinções quanto à finalidade do crédito e, por aqui, podemos chegar a outra maneira de o classificar:

- quanto a ser destinado a **financiar o consumo**, associado principalmente aos particulares;
- ou destinado ao **investimento e/ou fins socialmente úteis**, associado geralmente às empresas ou ao Estado.

O consumo deve ser essencialmente suportado não pelo crédito mas pelos próprios meios gerados pelas pessoas (poupanças) e empresas (lucros). Se isto não acontecer podem surgir situações de aperto financeiro quer para pessoas quer para empresas as quais só se resolvem por recurso a novo crédito ou dilação do anterior o que provoca sempre mais juros e dificuldades. Também o crédito ao investimento, para ser saudável, deve fundar-se em expectativas fortes que assegurem o seu retorno em tempo útil que evite atrasos ou dilacões os quais significam sempre mais custos e problemas.

d) Cada vez menos o "a crédito" tem como suporte o "acredito", sua matriz original e por isso, quem empresta procura cada vez mais garantir que o seu dinheiro lhe será retribuído com juros ou por quem pede emprestado ou por terceiros ou por qualquer outra maneira. Isto leva a nova classificação do crédito:

- **sem garantia:** limita-se à assinatura de um contrato (ou a sua presunção) entre quem empresta e quem pede emprestado;
- **com garantia:** para além das referidas assinaturas obriga a dação de garantias que podem, conforme os casos e as circunstâncias aconselhem, serem pessoais (avales em títulos e fianças em contratos) ou reais (bens sujeitos a registo que ficam afectos ao crédito até à sua liquidação).

e) O Crédito é um instrumento muito utilizado pelos agentes económicos e é de notar que sempre que a economia (de tipo capitalista) está em crescimento, o crédito cresce também e que sempre que aquela decresce o mesmo sucede ao crédito. Dito isto de maneira tão simplista poderia parecer que sempre que houvesse uma crise aumentava-se o recurso ao crédito e, pronto, aquela desapareceria. Mas é exactamente o contrário e, não cabendo aqui explicitar as complexas inter-relações económicas, dir-se-á apenas que **o crédito é como alguns alimentos que, por serem tão ricos e energéticos, só devem ser usados com parcimónia sob pena de destruírem ou arruinarem o organismo que os consome. Mas então o crédito é útil e necessário ou não? Poderíamos ou não viver sem crédito?**

Os Estados mais desenvolvidos recorrem sistematicamente a financiamentos de longuíssimo prazo para suportar grandes obras de infra-estruturas e ordenamento tais como estradas, caminhos de ferro, portos, aeroportos, barragens etc etc. as quais vão permitindo algum desenvolvimento sustentado para toda a população. Normalmente estes financiamentos contêm cláusulas que permitem adaptar-se às possíveis alterações de mercado que possam surgir - e sempre surgem - durante a sua vigência pois são operações que podem chegar e ultrapassar os 30 e mais anos. Com este esquema o Estado, através dos impostos (com que paga o empréstimo e os juros), faz com que as sucessivas gerações que usufruem do benefício o paguem, não cabendo esse encargo exclusivamente à geração actual em que o investimento é feito. Sem crédito isto ou não seria possível ou seria muito mais complicado

Este exemplo também serve para muitas empresas que compram, com recurso ao crédito, máquinas ou instalações; estes, indo subsistir por diversos anos afectarão muitos exercícios económicos da vida da empresa, sendo justo que sobre estes recaia também parte do encargo. Ao mesmo tempo que vão surgindo lucros dos investimento feito, estes, sem maiores dificuldades para a empresa pagam o crédito que lhes deu origem. Novamente, sem crédito isto seria ou muito mais difícil ou impossível

Mas se o Estado e as empresas dispuserem do dinheiro, é melhor!

De uma maneira novamente simplista dir-se-á que pode não ser rigorosamente assim.

O crédito serve essencialmente para "comprar" tempo.

Comprar propositadamente entre comas, porque o tempo dá-o Deus de graça. Mas se não para comprar, seguramente para antecipar. E por isso o grande interesse económico, mas principalmente sociológico, do crédito. Na verdade com o crédito é

possível fazer já aquilo que, sem ele, só poderia ser feito daqui a algum tempo depois de acumular poupanças e usando estas de uma só vez em determinado melhoramento. Esgotada esta poupança, novo processo se iniciaria até se possuir novo montante que outra vez se aplicaria em novo melhoramento ou compra. Ora isto é um processo pouco plástico, muito mecânico, rígido. O crédito facilita esta engrenagem fazendo com que hoje use e se pague o que outros antes investiram e, simultaneamente, se contribua para investimentos de que nós próprios usufruímos e os vindouros utilizarão.

f) Como se disse atrás o “crédito” pressupõe o “acredito”, embora isso cada vez menos faça sentido. Mas é bom que retenhamos que isso é uma contingência da economia e da sociedade que temos e de que também participamos, herdada da Renascença na qual a ciência, mas ciência numa perspectiva essencialmente técnica e utilitária, domina o homem. Nesta, as solidariedades sociais são cada vez menos fundadas nos parentescos, valores e necessidades básicas das pessoas (onde uma certa humanidade podia ser detectada) e cada vez mais em interesses de instituições viradas para uma atitude de máxima eficácia e lucro imediato, longe de qualquer humanidade. Mas não é necessário que assim seja e esta não é a sociedade da felicidade, se é que há alguma que a consiga!

Mas isto levar-nos-ia a questões éticas, morais e religiosas que não cabem no âmbito deste pequeno artigo.

O Crédito, como tudo, tem mais que uma abordagem possível. Mas é essencial que, sendo fruto da inventiva do homem para lhe facilitar a sua vida prática e não devendo o homem limitar-se a esta mas aspirar a algo mais substancialmente elevado, esteja sempre e somente ao serviço do homem.

Adélio Fonseca

O que ensina a igreja quanto ao ministério material de cada crente

Um dos assuntos mais mal entendidos e delicados nos nossos dias é a forma e valor da contribuição material de cada crente para a obra de Deus. A delicadeza da questão deve-se, primeiro do que tudo, à sensibilidade que as pessoas têm quanto ao seu universo material e às coisas que admitem como suas, depois, também ao facto de algumas práticas seguidas hoje dentro de movimentos assumidos como cristãos terem transformado o ministério cristão, numa obra de ganância e submissão à atracção do dinheiro.

Apesar de todo este contexto, temos que reforçar que o crente nunca o será completo na sua dedicação e adoração a Deus, se não sujeitar também a Ele a sua vida material. Essa sujeição, que apenas pode gerar-se da acção do Espírito Santo em nós, deve ser guiada pela fé e pelo amor devido a Deus e ao próximo, e tem na

Palavra de Deus a fonte de ensino que pode moldar a nossa vida material de acordo com a vontade divina.

SUPORTE FINANCEIRO

A manutenção da Igreja de Deus e dos seus ministérios exige recursos financeiros. É da responsabilidade dos seus membros proporcionar esses mesmos recursos ajudando assim a sustentar a obra de Deus quer na proclamação do evangelho quer na assistência aos mais carenciados. A Bíblia estabelece que o crente é responsável pelo financiamento da obra de Deus, consoante os seus rendimentos, na medida da sua fé e compreensão da Palavra de Deus. A contribuição material na Igreja deve ser vista à luz da interpretação espiritual da nossa nova e melhor condição em Cristo. Tudo o que a Lei do antigo Concerto pedia e obrigava era imperfeito e insuficiente. Em Cristo, o Cristão obtém uma nova condição, superior e mais perfeita em relação à que era obtida pela Lei. Para quem nasce do Espírito, o Dízimo não passa de uma referência que deve ser ultrapassada (suplantada), voluntariamente, livremente e sem coacção, apenas pela fé. Cremos que não compete à Igreja "policiar" as dádivas de cada membro, mas sim incutir no espírito de cada um a sua responsabilidade no que toca às contribuições materiais, encorajando-as.

Provérbios 3.9-10

Malaquias 3.7-12

Actos 2.41-45; 4.32-35; 20.35

1Coríntios 16.1-2

2Coríntios 8.1-5; 9.6-14

Colossenses 3.4-5

1Timóteo 6.10

Salmo 34.7-9

Poema
"Olhar"

Olho com os olhos de quem olha

Olho com olhos de quem vê

E vejo tristeza, dor, sofrimento

**Que as asas do vento espalham
São retalhos da vida estilhaçados de morte
Até quando a sorte dos que a não têm?**

**E perto de tudo, longe de nada
De nada valem vazias intenções
Dos que se dizem reis e senhores
Dadores de medos e aflições**

**Horizonte escuro na manhã do mundo
Que acorda para mais um dia de plena agonia;
E ouço discursos onde me gritam
Palavras perfumadas só de ar quente
Indecente homem este que se sustenta
E não atenta no seu irmão**

**Meu Deus, meu Pai
Livra-nos deste ai
Faz com que a fé não saia
Não arrefeça
Não escureça a luz que em nós entrou;
E que se oiça,
Que se ensurdeçam os de coração torto
Pois estamos fartos
Fartos de ver uns tão fartos e outros tão famintos
Fartos de ver o que não queremos ver
Porque é do fundo do nosso ser
Que queremos cantar até morrer
De pé
Com fé
Contigo, Senhor!**

José António Lourenço